

Artigo Original

## O novo ensino médio e a Educação Física<sup>1</sup>

Rogério Zaim de Melo<sup>1</sup>  
Osvaldo Luiz Ferraz<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã MS Brasil

<sup>2</sup>Departamento de Pedagogia do Movimento Humano da EEFÉ-USP SP Brasil

**Resumo:** O propósito deste estudo foi: verificar se as mudanças propostas na reforma do ensino médio propiciaram alterações na ação pedagógica do professor de Educação Física atuante na cidade de Jundiaí - SP; conhecer quem é esse professor; e mapear as principais dificuldades dos professores nesta etapa da escolarização básica. A análise dos resultados mostrou que as reformas propostas pelo governo federal não propiciaram alterações na ação pedagógica do professor de Educação Física. As aulas de Educação Física são ministradas no mesmo período que as demais e o principal conteúdo das mesmas é o esporte coletivo. As maiores dificuldades dos professores são a inexistência de bons trabalhos no ensino fundamental e a falta de cursos e capacitações orientados para o ensino médio. Suas maiores necessidades são um maior apoio do Governo no que concerne a cursos e capacitações e aumento do número de aulas para o ensino médio.

**Palavras-chave:** Educação Física. Ensino médio. Ações governamentais.

### *The new high school and the physical education*

**Abstract:** The purpose of this study were: to verify if the proposed changes in high school reform really caused changes to the pedagogic action of the PE teacher acting in Jundiaí-SP; to know who is this teacher; and to map the main difficulties teachers have at this level of high school. The analysis of the results showed that the changes proposed by federal government didn't cause changes in the pedagogic action of the PE teacher graduated in Jundiaí. The PE classes are given at the same period that others one, and their main content is sport. The main difficulties teachers have to face are lack of courses and qualifications tailored to high school. Teachers main needs are: a great support from the government related to courses and qualifications and the increasing of classes for high school.

**Key Words:** Physical Education. High school. Governmental actions.

### Introdução

A história da educação brasileira está marcada por mudanças legislativas, da Reforma Francisco Campos, na década de 1930, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB 9.394 (BRASIL, 1996), que buscaram solucionar, na maioria das vezes, através de palavras, os problemas existentes.

Uma das principais mudanças que se buscou, ao longo dos anos foi romper com a dicotomia: ensino profissionalizante X ensino propedêutico (KUENZER, 2000). A LDB 9.394 vai ao encontro desta meta e propõe, juntamente com outros dois documentos de políticas públicas, as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN (BRASIL, 1999) e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 2002) a criação de um novo ensino médio, que passou a integrar a chamada

educação básica do cidadão, juntamente com a educação infantil, o ensino fundamental.

Os principais objetivos do novo ensino médio são: um ensino que ao mesmo tempo prepare para o vestibular e o mundo do trabalho, não mais profissionalizando o indivíduo, e sim, dando condições para que o educando se ajuste a ele (BRASIL, 2002). Uma outra preocupação é com a formação para a cidadania. Segundo Piletti (2000, p. 52):

Embora a formação para a cidadania não ocorra exclusivamente numa determinada fase da vida, antes deva ser permanente, é na adolescência – durante o ensino médio, para os poucos que conseguem alcançar esse nível de ensino – que o indivíduo começa a exercer um direito que constitui uma das características mais importantes da cidadania: o voto [...]

A Educação Física, por fazer parte da educação do cidadão, sempre esteve atrelada a este processo, através de sua obrigatoriedade na escola, do número de aulas semanais, e dos seus objetivos já terem sido referenciados em leis.

\* Este artigo é parte da dissertação de Mestrado, *O professor de Educação Física e o novo ensino médio defendida em novembro/03, na EEFÉUSP.*

Neste particular há na nova LDB referência explícita a Educação Física, no Art. 26, § 3º, em que se diz a mesma é componente curricular obrigatório da educação básica, devendo se ajustar às faixas etárias dos educandos e integrar a proposta pedagógica da escola (BRASIL, 1996).

Embora, garantida por Lei, paulatinamente perde espaços nos currículos escolares, que se incharam para atender as necessidades do educando em um mundo moderno e globalizado. Esta situação se agrava no ensino médio, etapa em que a Educação Física enfrenta, sistematicamente uma desvalorização, provocadas em grande parte pela concorrência com o vestibular (ZAIM DE MELO, 1997) e trabalhos inadequados nas séries iniciais do ensino fundamental (COSTA, 1997; POSSEBON; CANDURO, 2001).

De posse do cenário acima descrito esta pesquisa buscou verificar: se as mudanças propostas pelo governo federal, com o novo ensino médio propiciaram alterações na prática pedagógica do professor atuante no ensino médio, no ano de 2002, na cidade de Jundiaí, interior de São Paulo; conhecer quem é esse professor; e mapear as principais necessidades e dificuldades de se trabalhar nesta etapa da escolarização básica.

### Metodologia

Para atingir estes objetivos realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, escolhendo este tipo de pesquisa porque, segundo Chizzoti (1995, p. 78):

Os pesquisadores que adotaram essa orientação se subtraíram à verificação das regularidades para se dedicarem à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que se constroem suas vidas e suas relações, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais ou então dos vínculos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão.

Para a coleta de dados utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas com questões que versavam sobre prática pedagógica do professor de Educação Física, áreas de atuação e formação continuada. Os dados obtidos foram analisados utilizando as técnicas de Análise de Conteúdo, fundamentadas nos estudos de Triviños (1987). O objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente e as significações ocultas ou explícitas.

Os conteúdos manifestos em cada entrevista foram organizados na forma de quadros gerais coletivos para que fosse possível o cruzamento das idéias dos professores dentro de um mesmo tema. Desta forma buscaram-se relações que permitissem o entendimento do universo coletivo pesquisado

e, visando facilitar a síntese dos elementos apreendidos elaboraram-se indicadores, sendo que os mais relevantes são apresentados neste artigo.

### A pesquisa propriamente dita

Entrevistaram-se professores da rede pública estadual de São Paulo, atuantes no ensino médio, em Jundiaí, SP. A opção pela rede pública estadual deu-se pelo fato da mesma garantir a existência de aulas de Educação Física no ensino médio e, também, por se acreditar que é neste ramo de ensino que se encontram as maiores carências para melhorias da Educação.

Visando à uniformidade escolheram-se professores que trabalhavam no turno matutino, garantindo-se a existência da Educação Física, visto que no período noturno a mesma é facultativa. No total entrevistou-se 08 professores<sup>1</sup>, com idade variando entre 29 e 47 anos, formados no interior de São Paulo, entre as décadas de 1970 e 1990.

No início das entrevistas foi explicado aos professores os motivos da pesquisa. As entrevistas foram realizadas individualmente, com exceção de dois professores que pertenciam à mesma escola e solicitaram realizar a entrevista em conjunto, visto que eram uma equipe. No decorrer das entrevistas, os professores ficaram à vontade e falaram sobre as suas ações pedagógicas, necessidades e angústias.

### O professor: formação inicial

Quanto à formação acadêmica, a maioria dos professores fez graduação na Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, exceto um que se graduou na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Neste grupo há ainda um único professor que possui outra formação acadêmica; sendo graduado também em Pedagogia.

É possível separar os professores em três grupos, formados na década de 1970 (2), formados na década de 1980 (4) e formados na década de 1990 (2). Apesar da disparidade quanto ao ano de formação, o que poderia indicar perspectivas de cursos diferenciados, os professores tiveram formação sobre a égide do modelo curricular tradicional esportivo, ou seja, sua graduação enfatizou as chamadas disciplinas 'práticas' (especialmente esportivas), cujo conceito de prática está baseado na execução e demonstração de habilidades técnicas e capacidades físicas... Existe uma separação entre a teoria e a prática. A primeira é o conteúdo apresentado na sala de aula e a segunda, a atividade desenvolvida na piscina, quadra e pista. (BETTI; BETTI, 1996). Mesmo o último professor a graduar-se, em 1993, cujo curso de graduação passou de 03 para 04 anos, e que poderia ter tido uma formação mais diferenciada, afirma ter encontrado problemas, pois a faculdade ao invés de propiciar mudanças positivas,

segundo o entrevistado, se deteve em coisas menores, como aumentar a média necessária para o aluno ser aprovado de 7,0 para 8,0.

Aumentar a média final da escola ou de um curso superior é uma das lendas que acompanham a educação, acredita-se que dessa maneira, melhora-se a qualidade do ensino, e isto é o melhor para os alunos. Mas para que isto ocorra só elevar a média é insuficiente. É preciso aprimorar a instituição como um todo: docentes; apoio didático; biblioteca; instalações materiais; e outros itens subjacentes ao processo ensino-aprendizagem.

Segundo Tani (1996, p. 2):

A preparação profissional depende também do nível de maturidade acadêmica da área, ou seja, dos conhecimentos disponíveis para serem transmitidos a futuro profissionais, além da qualidade do corpo docente que tem a responsabilidade de difundi-los.

O modelo curricular tradicional-esportivo fica mais evidente quando aos professores se pergunta: quais foram as disciplinas mais importantes na sua graduação.

As disciplinas de ordem prática, que trabalham seqüências pedagógicas e as disciplinas de origem anátomo-fisiológica, que auxiliam na construção do imaginário do corpo biológico e saudável, foram consideradas as mais importantes, deixando claro o tipo de formação em que este professor se habilitou.

Os cursos de formação profissional, ao darem muita ênfase às disciplinas práticas, tendem a reforçar uma imagem, historicamente construída, que a sociedade possui do profissional de Educação Física: um mero executor de atividades físicas (TANI, 1996); para ser um bom profissional, é preciso saber executar fundamentos esportivos, rolamentos, saltos, etc. com precisão.

Neste momento, não se quer negar o valor das ditas práticas, pelo contrário, as mesmas devem estar presentes nos cursos de Educação Física, desde que não tenham um fim em si mesmas e sirvam de laboratórios didáticos onde os futuros professores sejam levados a refletir sobre o que estão fazendo.

Para Okuma (1996, p. 31) a graduação, através das vivências práticas deveria ser “[...] responsável em despertar nos alunos reflexões sobre aspectos pessoais seus, que interferirão na ação profissional, particularmente se relacionar com pessoas”.

Este tipo de formação curricular em que as “práticas” possuem um fim nelas mesmas e o aluno não é mais que um executor, acaba se tornando umas das barreiras que o professor de Educação Física precisa transpor. Como romper a barreira do “pé-bola”, “mão-bola” se na sua faculdade o que ele mais aprendeu foram seqüências pedagógicas? Não que as

seqüências pedagógicas não sejam importantes, mas elas possuem limitações. Segundo (TANI, 1996, p. 13):

[...] os docentes visualizam ou imaginam a figura de um aluno modelo cujas características se adequam perfeitamente às especificidades da seqüência [...] é improvável encontrar-se numa situação real de trabalho, alunos com características semelhantes ao aluno modelo para que a eficácia da aplicação dessas seqüências seja assegurada. As diferenças individuais são a regra e não exceção, como é de conhecimento de todos os profissionais que atuam numa situação de ensino-aprendizagem.

O professor, ao sair da faculdade, precisa estar preparado para enfrentar qualquer situação e não somente trabalhar com alunos “modelos”.

Um curso de licenciatura tem a incumbência de formar o profissional apto para atuar em todos os ramos da educação básica. O futuro professor deve ter recebido ao longo sua graduação informações que o capacite ao trabalho na escola, desde a educação infantil até o ensino médio.

Quando questionados sobre as contribuições da sua formação acadêmica para se trabalhar com o ensino médio, fica evidente na fala dos professores o distanciamento existente entre a formação inicial e as exigências e necessidades para a atuação no ensino médio.

A graduação deixou um pouco a desejar, no início você aplica muito aquilo que aprende [...] depois com a vivência, com o tempo, com a experiência que a gente vai adquirindo ao longo dos anos, você vai se adaptando à realidade [...] as vezes a gente pega grupos que não têm interesse nenhum em praticar nada, então você tem que achar um jeito que eles tenham este interesse e isto você vai aprendendo com a experiência e graduação não te dá isto. (professor 4)

Depois com as aulas é que veio realmente a aprendizagem [...] Porque se você trabalha de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>, você tem mais facilidade em aplicar do que no ensino médio, tudo o que você aprendeu na faculdade. O ensino médio para mim foi assim uma nova escola. (Professor 1)

Trabalhar com a Educação Física escolar não é uma tarefa muito fácil, requer saberes específicos, disposição, força de vontade, “jogo de cintura”. A situação se complica um pouco quando se fala em ensino médio, somente quem já trabalhou com esta etapa da escolarização sabe o que é: lidar com turmas heterogêneas, no que concerne ao desenvolvimento físico e motor; a turmas desmotivadas à prática de atividades físicas; e ao baixo status da disciplina perante a comunidade escolar.

A formação universitária pouco tem contribuído para auxiliar o professor no trabalho com a realidade acima

*Motriz, Rio Claro, v.13, n.2, p.86-96, abr./jun. 2007*

relatada, ainda se vive sob a égide do paradigma “processo-produto”, na qual os cursos de formação ainda persistem em transmitir técnicas eficientes para que os professores possam executar um bom trabalho. Impõem-se mudanças: os cursos de graduação não devem fornecer “receita de bolos”, práticas sem reflexão, devem auxiliar o professor na construção de sua *práxis*. Uma das maneiras de se possibilitar esta mudança é a utilização de estratégias que possam auxiliar melhor o professor recém formado, pois o mesmo não detém a experiência necessária, citada pelos professores, para a labuta com o adolescente e o ensino médio.

Hoje, quando se fala em cursos de formação de professores, saltam aos olhos a necessidade de uma aproximação entre a universidade e a escola; urge que se crie entre as mesmas uma via de “mão dupla”; e a melhor forma para que isto ocorra é a realização de parcerias.

Através de uma parceria escola/universidade todos saem ganhando: a escola porque se aproxima dos novos saberes teóricos, científicos e tecnológicos que a academia vem produzindo; e a universidade porque pode oferecer aos seus alunos uma ampla visão da realidade. Os futuros professores devem constantemente estar em contato com o meio escolar, não somente nas disciplinas de prática de ensino, para que assim obtenham dados reais sobre o que vão encontrar ao terminarem sua graduação. Além disso, desta forma os acadêmicos também podem interagir com a comunidade, via

parceria isso se torna possível.

### O professor: Formação Continuada

Corroborando com um mundo globalizado, onde informações transitam livremente via Internet, TV a cabo e outros meios de comunicação, os Parâmetros Curriculares centram as possibilidades de mudança, de uma revalorização do componente curricular Educação Física no ensino médio, na ação do professor, que deve estar sempre se atualizando.

Segundo Libâneo (2001, p. 191) uma das formas de manter-se atualizado é via formação continuada.

[...] a formação continuada consiste de ações de formação dentro da jornada de trabalho (ajuda a professores iniciantes, participação no projeto político pedagógico da escola, entrevistas e reuniões didático-pedagógicas, grupos de estudo, seminários, reuniões de trabalho para discutir a prática com colegas, pesquisas, mini-cursos de atualização, estudo de caso, conselhos de classe, programas de educação a distância) e fora da jornada de trabalho (congressos, cursos, encontros e palestras). Ela se faz por meio do estudo, da reflexão, da discussão e da confrontação de experiências dos professores.

Neste estudo considerou-se a parcela da formação continuada que é feita fora da jornada de trabalho.

Tabela 1. Formação continuada.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Especialização		X		X	X		X		4
Acesso a revistas				X				X	2
Cursos		X	X		X	X	X	X	6
Cursos e capacitações oferecidas pelo Estado	X	X	X			X			4
Cursos/Capacitações sobre o Ensino Médio		X							1
Internet		X							1

Sabe-se que atualizar-se é uma exigência deste mundo moderno, uma formação permanente que se prolonga por toda a vida torna-se crucial numa profissão que lida com saberes e seres humanos, numa época em que se renovam os currículos, modificam-se comportamentos, acentuam-se problemas sociais e econômicos (LIBÂNEO, 2001) e, como os dados coletados apontam a mesma não vem acontecendo.

Apenas quatro professores entrevistados realizaram cursos de especialização, mas estes cursos não estavam relacionados diretamente com a Educação Física escolar.

*Motriz, Rio Claro, v.13, n.2, p.86-96, abr./jun. 2007*

Quanto a outros cursos e capacitações, os professores, esporadicamente, os realizam e, quando os fazem, estes não estão relacionados com o ensino médio. Uma das explicações para este fato é que: tanto no campo da pesquisa, quanto no campo do ensino, as atividades voltadas para a Educação Física no ensino médio são praticamente insipientes. Quando existem cursos o professor não tem tempo ou condições financeiras para fazê-los.

Um outro fator predominante para que não ocorra formação continuada a contento é a inexistência de políticas

públicas dessa natureza; as ações governamentais neste campo são escassas e, quando se fala em Educação Física para o ensino médio, são praticamente inexistentes. Os poucos cursos que ocorrem são direcionados ao ensino fundamental.

Uma outra forma de atualizar-se é a utilização da internet desde que o seu acesso seja democratizado.

Buscar novas informações em revistas científicas da área é mais uma das ações que o professor participante desta pesquisa não faz. Ou por não ter acesso, ou pelas revistas não trazerem informações relevantes para modificar a sua prática pedagógica. Sabe-se que no Brasil há muitas revistas científicas de Educação Física e que as mesmas publicam poucos estudos sobre ensino e, na maioria das vezes, o que os professores precisam são estas pesquisas com informações e experiências sobre a prática pedagógica.

Desta forma os professores acabam buscando novidades, soluções para seus problemas em revistas não científicas, veiculadas pela grande imprensa. Dos três professores que lêem revistas, dois atuam em campos não escolares e procuram nas revistas “orientações” para estas áreas, as contribuições destas leituras para o ensino médio tornam-se mínimas, pois somente um professor utiliza as revistas para encontrar orientações didático-metodológicas.

Três dos professores entrevistados trabalham apenas com a Educação Física escolar e, somente um é exclusivo do ensino médio. O restante dos professores atua em áreas não escolares e trazem informações do seu trabalho para o cotidiano escolar.

Em alguns casos a influência do trabalho extra-escolar é positiva como revela a fala de um dos professores: “*Eu trabalho com as mães dos meus alunos, então é uma forma de eu fazer um círculo de amizade com elas, uma socialização...*” (Professor 2). No exemplo acima o professor estabeleceu condições de estar mais próximo da comunidade escolar, podendo assim receber um apoio maior para criar condições de intervenção na mesma.

Em outros casos as informações podem não ser relevantes, como mostra o dizer de um professor que trabalha como árbitro de voleibol: “[...] *Influencia na medida que toda vez que tem uma atualização no voleibol eu trago para cá. Eu fico sabendo já, logo de imediato*” (Professor 4). Até que ponto é significativo para um aluno saber de imediato uma mudança na regra de determinado esporte?

Só tornar-se-á significativo se o conteúdo ministrado for o voleibol e, juntamente com a atualização, incluir-se o contexto nos quais as mudanças aconteceram, por exemplo: ao se trabalhar a mudança ocorrida na forma de pontuar, é possível incluir a influência da mídia no esporte, pois a necessidade de

se diminuir o tempo de realização das partidas deu-se para servir às transmissões televisas, acarretando a eliminação da vantagem e na utilização de pontos corridos.

Às vezes, a influência pode tornar-se negativa como no caso de um professor que atua como técnico de esporte competitivo e compara o rendimento de seus atletas de treinamento com os dos alunos da sua escola. Deixando claro ser o treinamento desportivo mais importante que a Educação Física escolar, demonstra mais interesse pelos seus “atletas” do que pelo seu papel de professor. Sendo assim revela inclusive o desconhecimento dos objetivos da Educação Física para o ensino médio.

Além do trabalho extra-escolar outro fator que pode representar uma dificuldade para o professor é a ampla faixa etária a que ele atende na escola (cinco professores deste estudo trabalham com turmas de ensino fundamental e médio), e os planejamentos diferenciados. Cada turma possui uma necessidade: as atividades direcionadas para um grupo de alunos de 5ª série são completamente diferentes daquelas para alunos da 1ª série do ensino médio. Outra causa que contribui com esta situação é a própria escola que não leva em consideração na montagem do horário essas diferenças. É comum o professor dar uma aula na 6ª série e a próxima ser na 2ª série (EM),

Mas esta amplitude pode se tornar uma vantagem, se o professor trabalha em uma mesma escola, possibilitaria a realização de um programa longitudinal, garantindo assim ao final da educação básica a consecução dos objetivos.

### **Prática pedagógica/Legislação de ensino**

Para que as transformações tão esperadas na educação nacional acontecessem seria necessário que os professores tivessem lido, discutido, debatido a tríade de documentos que as regulamentam.

Na prática isto não acontece. Os professores, sujeitos deste estudo, tomaram conhecimento apenas dos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>ii</sup> (BRASIL, 2002). Quanto à LDB (BRASIL, 1996) e às DCNS (BRASIL, 1999), poucos disseram ter tido contacto e os que tiveram, o contato foi via coordenadora nas horas de trabalho pedagógico coletivo – as HTPCs são horas aulas incluídas na carga total do professor para a realização de planejamentos, reuniões, etc, embora ter conhecimento não significa pôr em prática.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais chegaram às escolas, isto é fato; mas proporcionar mudanças, como se esperava, não provocou, como já foi mencionado anteriormente; os documentos são superficiais no que concerne à sugestão de estratégias para mudanças, pouco

auxiliando na ação didático-pedagógica do professor.

Um outro fator que dificulta a utilização destes documentos é o emprego de slogans pedagógicos destituídos de sentido ou indicações sobre como fazer Carvalho (2001, p.163) afirma que:

A maior parte dos aparentes esforços teóricos no sentido de se estabelecer regras e procedimentos didáticos pretensamente capazes de instrumentalizar os professores para 'novas práticas pedagógicas' raramente ultrapassa uma coleção de frases de efeito ou aparentes prescrições que, na verdade, simplesmente enunciam as condições finais para o êxito.

É necessário salientar que somente ações em políticas públicas não são suficientes para que aconteçam mudanças, é preciso que a escola crie um espaço para discussão, no qual todos professores possam opinar, igualmente, na construção das ações que regulamentarão a escola.

Em algumas escolas, teoricamente, este espaço até existe, mas quando isto acontece, o envolvimento dos professores de Educação Física é quase inexistente.

Se realmente a intenção é transformar, reformar o ensino médio, o caminho escolhido está levando a nenhum lugar, pois para que as mudanças possam acontecer, o professor deve deixar de ser apenas "fantoche" da legislação para se tornar um sujeito atuante na construção do currículo.

### Objetivos do Ensino Médio

Visando romper a dicotomia ensino propedêutico X ensino profissionalizante, os objetivos do novo ensino médio podem ser divididos em três grandes blocos: 1. consolidar aprendizagens anteriores; 2. preparar para o mundo do trabalho; e 3. preparar o aluno cidadão que vai atuar no século XXI (BRASIL, 2002).

Os professores que não incluíram em seus discursos estes objetivos, dois deles; ainda acreditam que o principal papel do ensino médio é preparar o aluno para os vestibulares. O restante traz em suas falas a necessidade de se preparar o aluno para o mundo do trabalho, da vida profissional e torná-lo cidadão.

Estes objetivos terem sido incorporados pelo professor é apenas o primeiro passo, pois é preciso sair do campo das idéias e adentrar no campo das ações, para que o discurso deixe de ser discurso e torne-se fato. Na maioria das vezes o professor tem a ferramenta para que isto aconteça, é o único que trabalha diretamente com os alunos, dentro da sua aula é ele, os alunos e mais ninguém. Mas a instituição escolar nem sempre o ajuda, volta-se para o vestibular e se esquece do resto.

A situação é mais crítica quando se refere ao professor de Educação Física, pois o mesmo não sabe qual é o papel do seu componente curricular neste processo, diante dos objetivos do novo ensino médio.

Porém, se o alvo dos estudos, centra-se na formação do cidadão, percebe-se que a Educação Física tem muito a contribuir. Para Betti (1999, p. 91):

[...] como concretizar uma Educação Física cidadã? É preciso pensar em novas tarefas para a Educação Física, e entre elas estão: a formação do espectador crítico e sensível; a exploração da função de conhecimentos presente na mídia e das contradições que o seu discurso revela; e a preservação dos contra-estereótipos, pois a Educação Física, aliando a vivência, a emoção e a inteligência, pode fazer subsistir, ao lado do esforço máximo, da vitória a qualquer preço e da recompensa extrínseca, o lúdico e o prazer, a saúde global e o lazer.

Tabela 2. Contribuições da Educação Física para que aconteçam os objetivos do novo ensino médio.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Aptidão física e saúde			X	X				X	3
Inserção social	X				X	X			3
Lazer								X	1
Valores e atitudes	X				X	X			3
Conceitos		X	X	X					3

Embora a fala do autor demonstre a possibilidade da Educação Física contribuir na formação do cidadão, o que não pode ocorrer é a escola e nem o próprio professor de Educação Física, transferir somente para Educação Física este objetivo, pois este componente curricular é apenas uma parcela da ação escolar, com um conhecimento próprio de

cultura corporal que cabe a ela trabalhar.

É preciso esclarecer que nenhum dos documentos oficiais, LDB, DCNs e os PCNs, mesmo este possuindo um documento dedicado à Educação Física, trazem, em seu corpo textual, informações relevantes a esta questão.

### **Contribuições da Educação Física para o novo ensino médio**

Como já foi apresentado anteriormente, segundo a LDB, (BRASIL, 1996) a Educação Física é componente curricular obrigatório na educação básica. Sendo assim, a mesma deve contribuir para a formação geral do educando, iniciando-se na educação infantil, culminando com o ensino médio. Porém, como já foi afirmado, o que os documentos não deixam claro é como a Educação Física irá contribuir, quer no ensino fundamental, quer no ensino médio.

Para os entrevistados as contribuições vêm das mais variadas formas, os mesmos romperam a barreira da formação esportiva na escola, vislumbrando uma Educação Física formadora de opiniões e atitudes. “Fazer com que o aluno tenha noção da importância da Educação Física, tenha a mesma como referência de saúde, e como lazer”. (Professor 8)

Conscientemente ou não, alguns professores, estão em consonância com os propósitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois utilizam do discurso da aptidão física e da saúde para justificarem o papel que a Educação Física representa no novo ensino médio.

Embora aconteça esta consonância os dados também confirmam a situação atual em que a Educação Física escolar brasileira se encontra: não existe um corpo de saberes “fixos” que os alunos devam ter adquirido ao terminar o ensino médio, nem professores, nem secretarias municipais e estaduais dão conta de explicitar o lugar que a Educação Física ocupa na etapa final da educação básica.

A situação acima descrita pode ser vista como um problema para alguns professores, que não possuem ou julgam não possuir condições para definirem o que é mais importante para a sua população escolar e, ao mesmo tempo, a mesma situação pode revelar o que a Educação Física escolar tem de mais fantástico e *sui generis*, seu único compromisso é com o aluno e não com vestibulares e órgãos oficiais.

Sendo assim cabe ao professor assumir o seu papel. Papel este que para os professores participantes desta pesquisa são vários: amigo – o professor deve ser amigo dos alunos para melhor compreendê-los; motivador – o professor deve motivar os alunos a fazerem as atividades propostas em suas aulas para que futuramente eles gostem da prática da atividade física; formador e informador – o professor deve transmitir uma série de conhecimentos sobre o corpo, seus limites e possibilidades necessários à formação do educando (conhecimentos estes que quase sempre, estão relacionados com saúde); e sociabilizador - o professor atuando como um agente integrador entre alunos. São assumindo estes papéis

sociais que os professores julgam contribuir com o novo ensino médio.

A fala dos entrevistados só auxilia na construção do imaginário social, ou seja, coletivo, “n” papéis sociais são atribuídos aos professores de Educação Física, mas ninguém sabe bem ao certo qual deles deve ser representado, acarretando mais um fator agravante na visão que a sociedade possui: a não seriedade da Educação Física escolar.

### **Conteúdos da Educação Física para o ensino médio**

Para ser possível o desenvolvimento das competências e habilidades solicitadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL.2002.) ; e, atingir os objetivos do ensino médio, propostos pela LDB, é preciso sair da esfera dos quatro esportes coletivos básicos (futsal, handebol, voleibol e basquetebol), tradicionalmente trabalhados na Educação Física. Romper esta barreira muitas vezes é romper com a própria escola, com a cultura escolar, é traçar novos paradigmas.

Os esportes coletivos são uma constante nas aulas de Educação Física. Alguns professores até tentam trabalhar com outros conteúdos; mas, os únicos que realmente desenvolvem conteúdos capazes de transpor esta barreira (esporte coletivo) são apenas dois professores, os mesmos que pediram para serem entrevistados juntos. Professores que nos dão um belo exemplo, quando juntamente com um aluno desenvolvem artes marciais na escola – uma brilhante solução para se trabalhar outros conteúdos; valoriza o aluno e garante aos outros mais um componente da cultura corporal.

Aliás, para que o novo ensino médio aconteça, outras barreiras, além do conteúdo, devem ser transpostas. Uma delas é aquela em que o professor acredita que o seu componente curricular tem um fim em si mesmo e existe independente dos outros componentes curriculares e que somente ele sabe o que deve ser trabalhado, por isso, a interdisciplinaridade e o planejamento participativo devem ser as ferramentas que auxiliarão esta ação, alavancando um novo caminho.

### **Interdisciplinaridade e planejamento participativo**

Em seu volume introdutório os PCNs apresentam a interdisciplinaridade como prerrogativa para que se componha o novo ensino médio. Segundo os documentos, entende-se interdisciplinaridade como uma transposição à barreira da justaposição de disciplinas. Como em um momento que o professor sente necessidade de saberes, procedimentos que em uma única visão disciplinar não são suficientes para explicar

fenômenos necessários ao seu componente curricular e/ou também em momentos especiais como na organização de eventos que envolvam a escola toda.

Caso se olhe a interdisciplinaridade como a mesma é apresentada nos Parâmetros Curriculares, é possível afirmar que em alguns momentos ela acontece quando as ações dos professores os levam a romper a barreira do tradicional, trabalhando em conjunto com outros componentes curriculares para explicar alguns de seus conteúdos ou na organização de eventos que envolvam a escola toda.

Mas se a interdisciplinaridade for enfocada sob outra perspectiva a luz da teoria interdisciplinar verificou-se que estes momentos diminuem muito. “A interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender” (FAZENDA, 2001, p. 11).

Para que a interdisciplinaridade torne-se uma prática pedagógica real, é preciso que aconteça uma mudança de atitude do professor diante da sua *praxis*, e não uma mera justaposição de disciplinas. Segundo Josgrilbert (2001, p. 85):

A atitude que se articula com a prática interdisciplinar, exige que o professor esteja sempre avaliando o seu trabalho, verificando se está adequado à realidade, se traz felicidade na relação professor-aluno e leva a uma aprendizagem significativa.

Um professor, com atitude interdisciplinar é aquele que constantemente transforma a sua prática em reflexão; que tem humildade para desenvolver projetos em parceria com outros professores; e tem ousadia para romper com padrões convencionais. A prática pedagógica interdisciplinar é desencadeada quando diante de um problema do seu cotidiano, ou de um aluno, o professor constrói junto com o grupo docente e discente as resoluções necessárias para que os problemas sejam superados.

A obrigação é alternada pela satisfação, a arrogância pela humildade, a solidão pela cooperação, a especialização pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo [...] numa aula interdisciplinar há um ritual de encontro no início, no meio e no fim. (FAZENDA, 1991, p. 83)

Para que a interdisciplinaridade efetivamente aconteça na escola é preciso que o corpo docente entenda que a mesma deve ter, não só, a integração de conteúdos e, sim, a integração como produto de uma aprendizagem completa, mas com pessoas do que conteúdos, com a compreensão dos alunos nas relações propostas (JOSGRILBERT, 2001).

Outra prática que auxiliará o trabalho do professor de Educação Física no ensino médio é o planejamento participativo, que assim como a interdisciplinaridade não é uma ação comum aos professores.

Fazer planejamento participativo é fazer o planejamento

sobre a perspectiva materialista, nesta concepção o ser pensante e o conteúdo do pensamento são coisas distintas; a consciência é um dado secundário e a realidade um dado primário. O professor primeiro conhece seus alunos, conhecimento da realidade; depois reflete sobre a realidade; e por último faz o seu planejamento, voltando à realidade.

Dir-se-ia mais, a partir da realidade encontrada, deve-se propiciar ao aluno a possibilidade de optar e comprometer-se com as atividades que serão desenvolvidas, nas suas aulas de Educação Física, quer seja ao longo do bimestre, quer ao longo do ano.

Apenas um único professor busca dar espaço aos alunos, o restante, embora alguns até acatem algumas sugestões dos alunos, faz seu planejamento sem compromisso com o grupo que vai encontrar.

Realizar planejamento participativo não é uma tarefa muito difícil, requer envolvimento e disposição dos professores e alunos. Correia (1996) mostrou ser perfeitamente viável a realização de uma proposta de planejamento participativo em uma escola de ensino médio; esta prática propiciou satisfação aos alunos – havia um comprometimento por parte deles na escolha das atividades, e valorização do componente curricular Educação Física perante a comunidade docente e discente.

A realização de planejamento participativo auxilia, também, no desenvolvimento da autonomia do aluno, um dos objetivos do ensino médio.

Ao término do ensino médio, o educando deveria ter desenvolvido condições para ser autônomo, em relação a sua prática de atividades físicas. Seria natural que esta fosse a realidade encontrada nas escolas, após, no mínimo, sete anos de Educação Física escolar. O que se constatou, porém, foi justamente o contrário.

Qual é a visão que os professores de Educação Física possuem sobre este fato? Por que a autonomia não acontece? Quais são as expectativas dos professores em relação a seus alunos após ensino médio? Questões como estas permeiam a esfera do ensino médio e causam preocupação.

Para alguns professores desenvolver a autonomia dos alunos com relação à prática de atividades físicas é uma ilusão, uma prática longe de acontecer, distante da realidade escolar. Para outros a autonomia só não acontece porque o aluno não está sendo preparado para desenvolver esta função.

Mesmo a gente tentando nas aulas em alguns momentos levá-los para a sala de aula e colocar: o que é frequência cardíaca? Como se controla esta frequência. Mesmo quando a gente dá a atividade de caminhada eles não estão preocupados com este



aspecto de controle de carga. Eles querem fazer por si só. Mas eles não têm autonomia pra determinar e controlar a sobrecarga do esforço que estão fazendo (Professor 5).

Não eu acho que não, ele não é um profissional, ele poderá saber o que é bom e o que é ruim. Mas saber realizar um programa de atividade física, não. Eles são muito imaturos para isto [...] autonomia é meio difícil, com a quantidade de aulas que eles têm. Eu acho difícil (Professor 6).

A autonomia encontra-se distante nas falas e práticas dos professores devido à existência de alguns fatores: a) históricos; b) institucionais; e c) pessoais.

a) Historicamente, ainda se vive uma Educação Física oriunda da ditadura militar; os professores ministram aulas sem saber o porquê, tampouco os alunos sabem para que as mesmas servem. O professor demonstra e o aluno copia. Desta forma cria-se um aluno dependente e alienado, incompatível com a autonomia;

b) A Educação Física vem perdendo espaço nas instituições escolares, com o inchaço do currículo. Sociologia, Filosofia, Ética fazem parte das chamadas disciplinas novas no ensino médio e a primeira disciplina a perder espaço é a Educação Física, por culpa dos próprios professores que, ao longo dos anos não realizaram bons trabalhos e, como se ousa afirmar, nem se quer sabem justificar a presença deles na escola. Hoje há a ocorrência de duas aulas semanais nas primeiras séries do ensino médio e apenas uma aula no último ano, no sistema pesquisado.

c) Durante a sua formação não fica esclarecido para o professor que tipo de conhecimento deve ser passado para o aluno, gerando assim dúvidas. O que o professor deve ter e não tem claro para si é que o seu conhecimento é diferente do conhecimento do aluno e que não se deseja o mesmo para os alunos. Deseja-se formar alunos capazes de reconhecerem o seu corpo e que tenham capacidade de optar, escolher o que é melhor no que concerne à atividade física.

Caso o professor reconheça esta diferença (entre os seus saberes e os saberes dos alunos) e não forma um aluno autônomo, ao longo de pelo menos sete anos de Educação Física escolar, esta prática leva a pensar o mesmo à dedução que acredita que formando um aluno capaz de autogerenciar sua prática de atividade física estará perdendo espaço no mercado de trabalho, enquanto profissional.

Para que a tão almejada autonomia aconteça o professor deve superar estas três barreiras e lembrar que o ensino médio é só a etapa final da escolarização básica e se o objetivo de formar um aluno autônomo estiver presente desde o início do ensino fundamental, ele torna-se perfeitamente possível.

## **Dificuldades e necessidades no trabalho com o ensino médio**

Algumas das dificuldades são clássicas, velhas da Educação Física, comuns na fala dos professores em reuniões e congressos. Alunos desmotivados à prática da atividade física; alunos sem coordenação motora para a realização de atividades práticas; falta de materiais; e falta de cursos e capacitações. Outras dificuldades: agressividade e indisciplina, problemas comuns à escola.

A existência de problemas na educação não é exclusiva da Educação Física. O que não pode acontecer é o professor se esconder atrás destas dificuldades para justificar a não realização de bons trabalhos com o ensino médio.

O que é preciso para que estas dificuldades sejam superadas? O que os professores julgam necessário para melhorar?

Algumas necessidades estão diretamente relacionadas com as dificuldades relatadas:

- Voltar às aulas das séries iniciais do Ensino Fundamental para professores especialistas, os professores acreditam que assim estarão garantindo maiores chances de realização de bons trabalhos no ensino fundamental;
- Um maior investimento em cursos e capacitações;
- Aumento no número de aulas para o ensino médio, permitindo assim a realização de um bom programa. O que o professor não se recorda é de que havia três aulas semanais e se as mesmas diminuíram, ele tem uma parcela de culpa;
- Cobrança externa. A presença da Educação Física no ENEM e em vestibulares garantiria um maior interesse por parte dos alunos.

Aqui se constata um equívoco, a valorização de um componente curricular não pode depender apenas de avaliações externas, deve depender de uma série de fatores que incluem: competência do professor; avaliações externas e internas; apoio institucional e governamental.

A maioria das necessidades, acima relatadas para melhorar o ensino médio, é possível de serem realizadas: as aulas de Educação das séries iniciais do Ensino Fundamental já voltaram a serem ministradas por um especialista; o governo pode oferecer capacitações; o número de aulas semanais pode aumentar; a Educação Física pode ser cobrada no ENEM. Mas todas estas mudanças de nada adiantarão se o professor não tiver força de vontade e mudar: sua postura, suas atitudes...

## **Momentos Mágicos**

Em síntese, a análise dos dados revelou:

O professor de Educação Física atuante em Jundiá é “prata da casa”, formou-se na Escola de Educação Física da sua cidade. Raramente faz cursos de atualização, e quando os

*Motriz, Rio Claro, v.13, n.2, p.86-96, abr./jun. 2007*

faz, estes cursos não se referem ao ensino médio. Vislumbra desenvolver em seus alunos o gosto pela atividade física, torná-los cidadãos fisicamente ativos; mas para atingir estes objetivos não faz nada de diferente, continua trabalhando “pé-bola” e “mão-bola”.

Quanto a sua prática pedagógica: suas aulas são ministradas no mesmo período em que as demais; seu habitat é a quadra; suas aulas permanecem com seqüências pedagógicas dos esportes coletivos tradicionais nas aulas de Educação Física; e, algumas vezes trabalha “teoria” – conteúdos técnicos das modalidades ou conteúdos relacionados à fisiologia do exercício – em sala de aula.

Para ele o trabalho com o ensino médio é um desafio, pois recebe quase sempre turmas heterogêneas, sem coordenação motora, desinteressadas pela prática de atividades físicas. Um outro problema que enfrenta é a falta de material e a indisciplina.

Para modificar a sua situação clama por um apoio governamental maior, mais cursos e capacitações que possam auxiliá-lo a transformar a sua prática, que permitam a ele um intercâmbio maior com outros professores da área.

Vale salientar que ao longo deste estudo encontraram-se professores interessados, que desejam desenvolver um bom trabalho, e que, mesmo com todos os infortúnios da profissão, passam para os seus alunos a importância que a atividade física terá em suas vidas e procura desenvolver nos mesmos o gosto por este componente curricular.

De posse dessas informações, analisando a situação encontrada, é possível afirmar que, nas escolas pesquisadas, as ações governamentais não modificaram em nada a situação das aulas de Educação Física no ensino médio. Práticas como a interdisciplinaridade, o planejamento participativo e o desenvolvimento da autonomia do aluno em relação à atividade física estão distantes da realidade encontrada.

Os professores deste estudo até tiveram contato com os documentos governamentais, principalmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais, mas este contato não gerou frutos. Segundo Perrenoud (1999, p.17): “A história da escola está marcada por momentos de ‘pensamento mágico’ em que cada um quer acreditar que, mudando-se as palavras, a vida também muda”.

Talvez os Parâmetros Curriculares, para o grupo pesquisado, tenham sido um destes momentos mágicos, como foi constatado: os professores não precisam de “mágica”. O que eles precisam é:

- serem ouvidos. As mudanças na escola só irão acontecer se a iniciativa de mudar, transformar, partir do próprio professor. Só o professor sabe das suas necessidades e anseios;

*Motriz, Rio Claro, v.13, n.2, p.86-96, abr./jun. 2007*

- terem ações governamentais propositivas, embasadas em práticas consistentes que propiciem condições para modificarem a sua ação pedagógica; e  
- receberem um investimento maior em cursos e capacitações para que os professores tenham contato com as novas teorias da Educação Física, refazendo constantemente o seu aprendizado diante da realidade encontrada na escola.

De posse da realidade encontrada o que este estudo deixou claro é: que, tanto no campo governamental quanto no campo acadêmico, as ações que envolvem o ensino médio são insipientes, deixando muito a desejar. Faltam pesquisas de ensino, faltam estudos sobre o desenvolvimento do pensamento do adolescente; faltam ações governamentais; e sobejando momentos mágicos que deveriam deixar de ser uma constante nas políticas públicas da educação brasileira. O que os professores precisam é de ações concisas e não de magia; de apoio concreto e não de palavras. É preciso alicerçar os sonhos para transpor as barreiras.

## Referências

- BETTI, M. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.84-92, 1999.
- BETTI, I. C. R.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Motriz. Revista de Educação Física**. UNESP, Rio Claro, v.2, n.1, p.10-5, 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 03, de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Revista de Educação - APEOESP**, São Paulo, n.10, p.68-72, 1999.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/BasesLegais.pdf> Acesso em: 20 nov. 2006.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 20 nov. 2006.
- CARVALHO, J. S. O discurso pedagógico das diretrizes curriculares nacionais: competência crítica e interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.112, p.155-165, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742001000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100008&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 15 out. 2007.
- CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CORREIA, W. R. Planejamento participativo e o ensino de educação física no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl.2, p.43-48, 1996. Disponível em: <http://www.usp.br/ef/rpef/supl2/supln2p43.pdf> Acesso em: 20 nov. 2006.

COSTA, C. M. Educação física diversificada, uma proposta de participação. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte, USP, 1997. p.47.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Dicionário em construção:** interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade:** um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.

JOSGRILBERT, M. F. V. Atitude. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Dicionário em construção:** interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio:** construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

OKUMA, S. S. Significado da experiência: outra visão sobre vivências práticas no curso de graduação em educação física. **Caderno Documentos. Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano, Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo**, São Paulo, n.2, p.28-33, 1996.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PILETTI, N. **Estrutura e funcionamento do ensino médio.** São Paulo: Ática, 2000.

POSSEBON, M.; CANDURO, M. T. Educação física no ensino médio. **Kinesis**, Santa Maria, v.25, p.130-47, 2001.

TANI, G. Vivências práticas no curso de graduação em educação física: necessidade, luxo ou perda de tempo. **Caderno Documentos. Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano, Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo**, São Paulo, n.2, p.1-22, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZAIM DE MELO, R. **Educação física na escola:** conteúdos adequados ao 2º grau. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

Endereço:

Rogério Zaim de Melo  
Rua Nossa Senhora do Amparo, 74.  
Ponta Porã – MS  
e-mail: [rogeriozmelo@gmail.com](mailto:rogeriozmelo@gmail.com)

*Recebido em: 24 de maio de 2007.*

*Aceito em: 11 de setembro de 2007.*

<sup>i</sup> Os professores entrevistados autorizaram a utilização dos dados obtidos para fim de pesquisa.

<sup>ii</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Física no Ensino Médio, utilizado como referencial bibliográfico para este artigo foram os primeiros lançados pelo Governo Federal, impressos em 2002.

*Motriz*, Rio Claro, v.13, n.2, p.86-96, abr./jun. 2007